



## AUTOR E ARQUEOLOGIA EM MICHEL FOUCAULT: CONCEITOS PARA O ESTUDO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Roger Marcelo Martins Gomes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Prof. M.e em História Contemporânea, da Universidade do Sagrado Coração – Bauru/SP. Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de História. *E-mail*: roger.monsarros@gmail.com

### RESUMO

Buscamos neste artigo apresentar os conceitos de autor e arqueologia definidos nas obras de Michel Foucault como propostas metodológicas na pesquisa em História das Ciências. Este trabalho se referenciou em duas obras de Michel Foucault: “O que é um autor?” e “A arqueologia do Saber” que permitiram o aprofundamento do tema. Percebemos que os conceitos função-autor e arqueologia não podem ser utilizados como um “a priori” teórico, mas como categorias que nos balizam e nos orientam nas etapas de pesquisa em História das Ciências.

**Palavras-chave:** Autor. Arqueologia. História das Ciências.

### INTRODUÇÃO

A “A arqueologia do saber” e “O que é um autor” de Michel Foucault nos possibilita a reflexão e crítica sobre conceitos como autor, metodologia, saber científico e discurso. Para Michel Foucault, discursos são uma dispersão, isto é, não há um princípio de unidade e linearidade, o discurso é composto por objetos, conceitos, temas e teorias num sistema de relações entre diversas estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, permitindo ou excluindo certos temas e teorias (BRANDÃO, 2012).

Michel Foucault rompe com a visão clássica da história como progresso e continuidade, para ele, a história é uma ruptura e descontinuidade. Acompanhado esta posição sobre história e discurso, o historiador Chartier (2012), propõe para a História das Ciências a necessidade de buscar as relações sociais e culturais que se dão em torno delas, e não apenas os resultados que os estudos científicos tem apontado, mas as práticas e negociações que se dão em torno da construção de uma determinada Ciência, como por exemplo, a Medicina, a Psiquiatria e a Psicanálise.

Se para analisarmos o discurso de uma Ciência é preciso entendê-la como um processo de construção nas relações sociais e culturais existentes, conforme Chartier (2012), como os conceitos e autor e arqueologia de Michel Foucault nos balizaria para tal trabalho?

## **AUTOR, CULTURA E CIÊNCIA**

Um foco tomado por Chartier (2012) em seus estudos sobre a História cultural da ciência é o autor científico e a autoria. Para tratar estes conceitos Chartier (2012) buscou em Foucault a definição de o que é um autor, isto é, da “função-autor”. Para Foucault a “função-autor” é a maneira pela qual o texto aponta para essa figura. Para Chartier (2012), a “função-autor”, portanto, pressupõe uma radical distância entre o próprio indivíduo e a construção do sujeito a quem o discurso é atribuído.

A obra “O que é um autor?” de Michel Foucault (1969), foi publicada em 1969, neste texto ele inicia discutindo a escrita contemporânea em que o autor ocupa um lugar vazio, segundo ele, o essencial é constatar os locais onde o autor exerce sua função. As características da função-autor: o nome do autor – impossibilidade de tratá-lo como uma descrição definida; o autor não é nem proprietário e nem responsável pelos seus textos; o autor é aquele a quem se pode atribuir o que foi dito e escrito, mas como resultado de operações crítica e complexas; a posição do autor no livro, nos diferentes tipos de discurso e a posição do autor num campo discursivo (FOUCAULT, 1969).

A função-autor, de acordo com determinadas épocas e culturas, não se exerce da mesma forma e da mesma maneira sobre todos os discursos; ela é definida por uma série de operações específicas e complexas; a função-autor pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar (FOUCAULT, 1969). O que importa no discurso, segundo Foucault, são os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos, a maneira com que eles se articulam nas relações sociais e culturais de uma determinada sociedade.

Para Chartier (2012), a função-autor não é apenas uma função discursiva, mas também uma função da materialidade do texto. Torna-se, portanto, uma categoria fundamental para se entender o discurso de um texto. Num texto de periódico científico, buscar a função-autor é um elemento chave para se entender as relações de poder que o autor adquire no campo

discursivo. Por exemplo, na Revista Brasileira de Psicanálise, o Dr. Durval Marcondes considerado o fundador e pioneiro deste veículo oficial da psicanálise brasileira, ocupa um lugar de orientador e definidor do estágio em que se encontrava a psicanálise brasileira, uma ciência consolidada e que mereceria ter um órgão oficial que pudesse expressar o pensamento psicanalítico brasileiro. Suas ações, seu trabalho e seus textos apontam-lhe um lugar de sujeito na construção da psicanálise brasileira, que lhe atribui a condição de “pai”, conforme a própria linguagem dos psicanalistas brasileiros.

Mas, para continuarmos numa pesquisa que a avaliação do discurso no campo das ciências, como a obra de Foucault poderia nos auxiliar como suporte teórico e metodológico? Procuramos este auxílio na proposta de Foucault em a “A arqueologia do saber”.

## **A ARQUEOLOGIA DO SABER**

Preocupado em estabelecer uma base consistente para a investigação científica e uma revisão da história epistemológica, em 1969, Michel Foucault publica “A arqueologia do saber”, uma de suas obras mais requisitadas da primeira fase de sua produção teórica. A arqueologia nesta obra é a proposta de descrever o discurso nos seus limiares, limites e pontos de cruzamentos, a arqueologia realiza uma história dos saberes de onde desaparece qualquer traço de uma história do progresso ou da razão.

Parece-nos mesmo que a riqueza do método arqueológico é ser um instrumento capaz de refletir sobre as ciências do homem como saberes, neutralizando a questão de sua cientificidade e escapando ao desafio impossível de realizar, nesses casos, uma recorrência histórica, como deveria fazer uma análise epistemológica (MACHADO, 2006, p. 9).

Fazendo uma revisão da história epistemológica, Foucault (2013) diz que as análises arqueológicas estão centradas na constituição histórica das ciências do homem na modernidade. O trabalho de análise e descrição arqueológica deve buscar as regularidades que servem como leis de dispersão, isto é, formar regras capazes de reger a formação dos discursos. Foucault indica quatro níveis de regras de formação. A primeira regra é definir os objetos num lugar comum, a segunda é identificar os enunciados, a terceira, é definir as regras

de formação dos conceitos e a quarta regra é definir um sistema de relações entre diversas estratégias.

Ao trabalhar com a descrição dos discursos deve-se ainda buscar e relacionar o evento discursivo com o acontecimento não discursivo. Mas, a obra “A arqueologia do saber” nos proporciona conceitos, categorias e ideias que podem nortear uma pesquisa no campo da História das Ciências. Enumeraremos os principais conceitos encontrados nessa obra como norteadores de uma pesquisa.

O *enunciado* tem uma função enunciativa que permite que os signos e as regras se atualizem. A análise enunciativa possui três traços característicos: busca estabelecer uma lei de raridade, trata os enunciados na forma sistemática da exterioridade e dirige-se às formas específicas de acúmulo e não de origem. Deve-se, portanto, descrever um conjunto de enunciado como uma figura lacunar e retalhada, como a dispersão de uma exterioridade e estabelecer o que Foucault chama de positivities (FOUCAULT, 2013).

A *positividade* desempenha um papel do que se poderia chamar um *a priori histórico* e não um *a priori formal*. O *a priori histórico* é um conjunto de regras que caracteriza uma prática discursiva, é na verdade, condição de realidade para enunciados, não condição de validade para juízos. Analisar positivities é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas.

[...] o *a priori* não escapa à historicidade: não constitui, acima dos acontecimentos, e em um universo inalterável, uma estrutura intemporal; define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora essas regras não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam; estão inseridas no que ligam; e, se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles se transformam em certos limiares decisivos. O *a priori* das positivities não é somente o sistema de uma dispersão temporal; ele próprio é um conjunto transformável (FOUCAULT, 2013, p. 156).

O *arquivo* permite com que todas as coisas ditas se agrupem em figuras distintas, se mantenham conforme regularidades específicas, é o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. O arquivo também não é a acumulação de uma massa amorfa em uma linearidade sem ruptura. O arquivo não é o que protege o

acontecimento do enunciado e conserva para as memórias futuras, é o sistema de sua enunciabilidade (FOUCAULT, 2013, p. 156).

Para Foucault, a diferença entre análise arqueológica e história das ideias possuem pontos de separação significativos que deveremos considerar em nossas reflexões. A arqueologia não busca definir pensamentos como na história das ideias, trata do discurso como documento, como signo de outra coisa, como documento-monumento.

Finalmente, a arqueologia não procura reconstituir o que pôde ser pensado, desejado, visado, experimentado, almejado pelos homens no próprio instante em que proferiam o discurso; ela não se propõe a recolher esse núcleo fugidio onde autor e obra trocam de identidade; onde o pensamento permanece ainda o mais próximo de si, na forma ainda não alterada do mesmo, e onde a linguagem não se desenvolveu ainda na dispersão espacial e sucessiva do discurso [...] Não é nada além e nada diferente de uma reescrita: isto é, na forma mantida da exterioridade, uma transformação regulada do que já foi escrito. Não é o retorno ao próprio segredo da origem: é a descrição sistemática de um discurso-objeto (FOUCAULT, 2013, p. 156).

A comparação entre arqueologia e história das ideias nos abre a novos problemas e indagações para dar continuidade aos estudos sobre as contribuições de Foucault para o campo da história. É claro que esta comparação levaria a um debate historiográfico longo que não é a proposta deste artigo, mas sem dúvida os conceitos propostos pela metodologia arqueológica de Foucault nos mune fortemente para perscrutarmos um objeto de pesquisa no campo da História das Ciências, como os periódicos científicos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acreditamos que a proposta defendida por Foucault em sua obra *A Arqueologia do Saber*, nos dá lastro para a construção de uma abordagem metodológica, para uma prática historiográfica que considere a importância dos elementos que constituem um discurso, a arqueologia de Foucault não é uma ciência, mas uma proposta para buscar como as histórias se movem pelos discursos.

Quando pensamos na arqueologia foucaultiana em sua relação com a prática historiográfica devemos já ter em mente que esta operação não é fixa, e que

também não procura estabelecer ou iluminar os acontecimentos com verdades oferecendo ao passado uma realidade objetiva, que possa ser plasmada em uma narrativa [...] As histórias arqueológicas são móveis, pois deslocam-se pelos discursos e pelas suas camadas (formações discursivas), contornam os saberes procurando descrever e individualizar os enunciados discursivos encontrando uma suposta regularidade que os faça funcionar (RAGUSA, 2011, p. 2731).

Sem dúvida, a análise discursiva pelo método arqueológico de Foucault nos baliza em tal empreitada, desde que não se torne um *a priori formal* como o próprio Foucault advertia, isto é, uma camisa de força que impossibilite identificar às particularidades ou às próprias regularidades de um objeto de pesquisa como, por exemplo, uma revista científica, mas se torne uma possibilidade, uma orientação, um parâmetro para a análise do discurso científico.

## **AUTHOR AND ARCHAEOLOGY IN MICHEL FOUCAULT: CONCEPTS FOR STUDY IN SCIENCE**

### **ABSTRACT**

We seek in this article present the author of concepts and archeology defined in the works of Michel Foucault as methodological proposals on research in History of Science. This work is referenced in two works of Michel Foucault, "What is an author?" And "A archaeology of Knowledge" that allowed the issue of deepening. We realize that the concepts function-author and archeology cannot be used as an "a priori" theory, but as categories that guide and direct us in the research steps in the History of Science

**Keywords:** Author. Archeology. History of Science.

### **REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. rev. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência**. Organização: Priscilla Faulhaber; José Sérgio Leite Lopes. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. "O que é um autor?". **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, Paris, ano 63, n 3, jul./set. 1969. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-o-que-c3a9-um-autor.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MACHADO, Roberto. **A ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RAGUSA, Pedro. Arqueologia do saber e a história. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 5., 2011, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011, p. 2731. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 2. ed. Brasília, DF: São Paulo: EDUNB, 1982.